

# A FILOLOGIA COMO SUPORTE DO PROGRESSO CIENTÍFICO<sup>1</sup>

*José Pereira da Silva (UERJ)*

## RESUMO

A Filologia constitui a forma mais antiga de estudos da linguagem, já descrita na Antigüidade greco-romana na forma de crítica textual e exegese ou interpretação de textos. Posteriormente, tornou-se uma ciência moderna, a partir da famosa edição do *De Rerum Natura*, de Lucrecio, por Karl Lachmann.

Ciência que tem por objeto a cultura da humanidade preservada através de seus textos, cuida de preservá-los dos estragos do tempo e de interpretá-lo à luz dos estudos da cultura da época em que o texto foi produzido, assim como todas as circunstâncias pelas quais passou.

Os estudos da etimologia são outras atividades específicas do filólogo, buscando na história das palavras e das culturas em que elas surgiram o seus primeiros (verdadeiros) significados e a evolução que tiveram, descobrindo verdadeiras epopéias e terríveis tragédias na sua luta pela sobrevivência.

**Palavras-chave:** Filologia, Crítica Textual, Etimologia, Textos, Edição.

## CONCEITO DE FILOLOGIA E PAIXÃO PELA CIÊNCIA

Gostaria de iniciar esta fala citando-lhes o parágrafo em que Erich Auerbach apresenta a edição crítica de textos como uma das formas mais antigas da Filologia, quase sempre considerada a mais nobre e a mais autêntica, na tradução de José Paulo Paes:

A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que lhe constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular ou o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente. Tal necessidade se fez já sentir na época dita helenística da Antigüidade grega, no terceiro século a.C., quando os eruditos que tinham seu centro de atividades em Alexandria registraram por escrito os textos da antiga poesia grega, sobretudo Ho-

---

<sup>1</sup> Texto resultante da palestra proferida na V JORNADA NACIONAL DE FILOLOGIA, realizada pelo Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, com apoio da Escola de Educação e Meio Ambiente da UniverCidade, no Teatro Ipanema da UniverCidade (04/04/2006) e da conferência proferida na I Semana de Filologia na USP, realizada pelo setor de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (03-07/04/2006), no Auditório de Geografia da FFLCH da USP.

mero, dando-lhes forma definitiva. Desde então, a tradição da edição de textos antigos se manteve durante toda a Antiguidade; teve igualmente grande importância quando se tratou de constituir os textos sagrados do Cristianismo. (AUERBACH, 1973: 11).

Bruno Fregni Bassetto (2001: 17), para definir a Filologia, buscou em Platão a definição de “filólogo”, documentado antes termo “filologia”, descrevendo-o como “aquele que apreende a palavra, a expressão da inteligência, do pensamento alheio e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual.”

Mais adiante, o mesmo Bassetto acrescenta o seguinte comentário sobre Eratóstenes, que se autodenominava filólogo e era considerado o sábio mais versátil de seu tempo:

Considerando-se que, a julgar pelos poucos fragmentos de que dispomos, o melhor da obra de Eratóstenes versa sobre Geografia, não é correto restringir o campo do filólogo romano ou grego à literatura ou às artes. Eratóstenes e Ateius são sábios, que dispunham de amplos conhecimentos sobre “todos os gêneros”, isto é, todos os ramos da Ciência, obviamente incluindo gramática e problemas de linguagem. (BASSETTO, 2001: 21)

Considerando que o termo “filólogo” denota quase sempre uma idéia de refinamento intelectual, de amplos conhecimentos gerais ou específicos, de cultura geral e de domínio da linguagem em particular, Bassetto (2001: 35) nos alerta para a interessante observação de Ferdinand de Saussure, que transcrevo da 9ª edição:

A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões lingüísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. (SAUSSURE, [s/d.]: 7-8)

Depois de longa interpretação desta citação de Saussure, Bassetto conclui:

Com isso se fixa o conceito moderno, em sentido estrito, de filologia como a ciência do significado dos textos; e em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo e de uma cultura com base em sua língua e em sua literatura. (BASSETTO, 2001: 37)

Baseado nisto, deixa claro que “o trabalho filológico tem por objetivo a reconstituição de um texto, total ou parcial, ou a determi-

nação e o esclarecimento de algum aspecto relevante a ele relacionado” (BASSETTO, 2001: 43) e que este trabalho não pára na crítica textual, prosseguindo em investigações histórico-literárias, como é o caso das questões de autoria, de autenticidade, de datação etc. e na interpretação e explicação de pormenores que podem estar em alusões obscuras, citações incorretas ou na falta de autenticidade de alguma fonte. (Cf. BASSETTO, 2001: 57).

Na verdade, os estudos lingüísticos surgiram como estudos filológicos, muito tempo antes de tomarem forma científica tanto a Lingüística quanto a Teoria Literária e as dezenas de especialidades que hoje existem relativamente aos estudos da língua e dos textos que nelas são escritos.

Leodegário A. de Azevedo Filho (1987: 20-21) bem lembra a antigüidade desses estudos filológicos, quando escreve:

Em relação aos textos da Antigüidade Clássica, bem sabemos que as mais antigas edições críticas são as dos poetas gregos pré-helenísticos, levadas a termo pelos críticos alexandrinos, tais como Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia. [...] No século III, o alexandrino Orígenes empreendeu o seu admirável trabalho sobre a *Bíblia*, com uso de uma metodologia mais tarde seguida por Roma, a exemplo dos trabalhos de Varrão e Probo, mas especialmente a exemplo de Jerônimo e sua edição da *Vulgata*.

Modernamente, no século XVIII, graças aos rigorosos trabalhos de Karl Lachmann, a crítica textual foi sistematizada na excelente introdução que escreveu à edição do poema *De Rerum Natura*, de Lucrecio, publicado em 1750.

## A CRÍTICA TEXTUAL E AS EDIÇÕES CRÍTICAS

O historiador José Honório Rodrigues, comentando o que disse Alberto Chiari no seu artigo “La edizione critica” (CHIARI: 1948: 105-159), lembra que

Não se trata, assim, de uma atividade mecânica, mas metódica, e por isso Chiari afirma que edição crítica quer dizer interpretação, pois o responsável pela edição deve saber que seu êxito depende do conhecimento que tiver da língua, da cultura, do pensamento e da arte do autor do texto; deve saber que não faz somente um trabalho de erudição, mas de reconstrução, no qual a lucidez do próprio pensamento e o refinamento do gosto são postos a serviço do pensamento e do gosto do outro. (RODRIGUES, [1957]: 581-582)

É lamentável, lembra Emanuel Araújo (1986), que ainda não haja no Brasil um repertório sistematizado dos documentos da história do Brasil, como as *Monumenta Germaniae historica...*, de exemplar organização, que abriram caminho para publicações similares como as *Portugaliae monumenta historica*, em Portugal, assim como as que se publicaram na França, na Inglaterra, na Holanda, na Itália, na Bélgica e na Espanha, por exemplo.

Apesar de criado por Dom Pedro II o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838 com a finalidade de coligir e publicar documentos pertinentes à história nacional, até hoje nada se fez no sentido de se unificarem as normas editoriais de sua revista, cujo primeiro número é de 1839.

Há meio século (1957), lembrava José Honório Rodrigues:

Caminha-se, hoje, para uma espécie de edição crítica livre, superando a pura decifração material do texto e transcrevendo-o já adaptado à linguagem atual, de modo a permitir a livre e corrente leitura, assinaladas, apenas, com as siglas adotadas e as notas indispensáveis, as deficiências do próprio original, sem o aparato erudito, que dificulta e torna pesado o texto. Deste modo ele deixa de ser uma conversa entre eruditos e historiadores e passa a ser um documento vivo, capaz de ser lido por grupos maiores de estudantes e pessoas interessadas. (RODRIGUES (1957): 588))

De um modo geral, só se lembra da atividade do editor crítico quando se trata de obras literárias antigas, esquecendo-se das importantes edições de textos históricos e científicos e mesmo dos textos sagrados ou de quaisquer outros que já estejam científica e confiavelmente estabelecidos. Isto ocorre porque as línguas e os conhecimentos evoluem, de modo que algo já decidido no século XVIII ou XIX, por exemplo, pode ser hoje motivo de interessantes e produtivas investigações, pois só há dúvidas sobre o que se conhece e só se indaga se houver dúvida.

Aliás, é bom lembrar que, cronologicamente,

A edição crítica no Brasil tem sua origem nas [...] *Reflexões Críticas* de Francisco Adolfo de Varnhagem (1839). Foi aí que, pela primeira vez, se procurou estudar o melhor texto, baseando-se nas várias cópias existentes em diversas bibliotecas européias. Varnhagem mostrava-se, já então, inteiramente a par do desenvolvimento da crítica histórica no mundo. (RODRIGUES, [1957]: 601-602)

Na mesma época em que Varnhagen escreveu suas *Reflexões Críticas*, editou um outra obra não literária em *stricto sensu*, o *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa (1839), explicando na “Advertência” os critérios utilizados em sua elaboração, com base nos três manuscritos conhecidos.

Capistrano de Abreu, em 1881, edita o livro de Fernão Cardim, *Do Princípio e Origem dos Índios*, que foi reeditado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1895. Foi Capistrano quem estabeleceu a autoria dos dois referidos trabalhos de Fernão Cardim, como também foi o primeiro a estabelecer o texto integral das duas obras. (Cf. CARDIM, 1881 e 1881a)

O exemplo mais alto da edição crítica no Brasil, dificilmente superável, é a feita por Capistrano de Abreu da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. no prefácio que precede a obra, conta Capistrano minuciosamente como se deu o inesperado encontro do texto manuscrito que serviu de base para a edição definitiva feita em 1918. (RODRIGUES, [1957]: 611-612)

.....

Mas o que torna essa edição um modelo de edição crítica são não só a excelente introdução como os magníficos estudos preliminares sobre as fontes de cada um dos livros e capítulos de que se compõe a *História*. Capistrano estudou minuciosamente as principais fontes de cada período e indicou também as fontes principais de que se teria servido Frei Vicente do Salvador. (RODRIGUES, [1957]: 613)

Outro grande exemplo que deve ainda ser mencionado é o da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo Varnhagen, que recebeu de Capistrano de Abreu e especialmente de Rodolfo Garcia uma edição crítica definitiva e realmente valiosa. As eruditas notas que esclarecem o texto, restauram as indicações bibliográficas e fornecem novas indicações, de acordo com as mais recentes pesquisas, são um verdadeiro modelo. (Cf. RODRIGUES, [1957]: 619)

Nos últimos anos, importantes documentos vêm sendo publicados em dissertações de mestrado e teses de doutorado em diversas áreas do conhecimento, como foram, por exemplo, utilizando-se a crítica textual como sua base metodológica:

a) a dissertação de mestrado apresentada por mim na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1987, sobre *Questões apologeticas: edição crítica*, até então absolutamente inédita.

b) a tese de doutorado em Lingüística e Filologia, que defendi na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1992, sobre *A Amazônia no século XVIII: um roteiro de viagem*. Edição crítica do "Roteiro da viagem da cidade do Pará até às últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro; ilustrado com algumas notícias que podem interessar à curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e de São José do Rio Negro";

c) a tese de doutorado em Filologia Românica de Emmanuel Macedo Tavares, defendida em 1998 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre o *Directório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão, enquanto sua Majestade não mandar o contrário*: Edição crítica de um texto brasileiro do século XVI-II;

d) a tese de doutorado em Literatura de Francisco Topa, defendida em 1999 na Universidade do Porto, intitulada *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*;

d) a tese de doutorado em História de Leny Caselli Anzai, defendida em 2004 na Universidade de Brasília, sobre *Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso; o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira*, que editou e interpretou o texto do códice 21,2,5 da BNRJ de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre as "Enfermidades endêmicas da Capitania de Mato Grosso";

e) a tese de doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas de Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues Martins, sobre *Entre as luzes e as sombras do iluminismo: Uma edição crítica de "Aventuras de Diófanes ou Máximas de virtude e formosura de Teresa Margarida da Silva Orta"*.

## A EXEGESE OU INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

A interpretação de textos é tarefa tão constante na vida dos estudantes e pesquisadores das áreas das Letras que nem parece ser necessário um preparo especial para a execução eficiente dela.

Mas é óbvio que não é bem assim e que há infinitas dificuldades na execução desse trabalho, que podem estar ligados à história, à cultura, à ciência, à tecnologia etc., dependendo de estudos e in-

formações específicas, que serão buscadas pelo filólogo para facilitar e orientar a leitura do consulente: curioso, estudante ou pesquisador.

Exegese é a interpretação profunda de um texto, seja ele bíblico, jurídico, histórico, científico ou literário. Como todo saber, tem práticas implícitas e intuitivas. A exegese dos textos sagrados da Bíblia tem grande prioridade e anterioridade em relação a outros textos, pois foram os primeiros dos quais se ocuparam os exegetas na tarefa de interpretar e dar seu significado. Por isso, entende-se “exegese” como a revelação do sentido de qualquer coisa ligada ao mundo do humano, apesar de ser um termo usado restritamente para a interpretação dos textos bíblicos.

## A ETIMOLOGIA DAS PALAVRAS

A revista *Língua Portuguesa*, em janeiro deste ano de 2006, publicou um número especial dedicado à “etimologia”, com contribuições de eminentes professores como Bruno Fregni Bassetto, Gabriel Perissé, Evanildo Bechara e Mário Eduardo Viaro.

É da “Carta ao Leitor”, escrita pelo editor da revista, Luiz Costa Pereira Junior, o seguinte texto, que vale a pena ser transcrito:

Explicar a atualidade por meio da linguagem é ambição antiga – talvez antiga demais para ter origem nítida. É possível entender algo do cotidiano – uma parte dele, ao menos – pelo passado das palavras que marcam a nossa vida? Hoje já se sabe que seria uma arrogância crer que as palavras não passam de instrumento de comunicação, quando na verdade passaram séculos de boca a boca, carregando a experiência de povos anteriores, muitos dos quais varridos do mapa definitivamente.

As palavras ganharam muitos sentidos e formas até chegar a nos, e as usamos com tanta familiaridade que nem prestamos muita atenção a elas. No entanto, essa experiência de muito acumulada pelas culturas anteriores à nossa está contida nessas palavras, em sua trajetória, em sua evolução, nas entrelinhas dos significados, nos detalhes da pronúncia que nos é mais característica.

Os estudos etimológicos – que no início priorizaram a explicação fonética das mudanças de um vocábulo – ganharam mais consistência há coisa de um século. E permitiram perceber o quanto podemos olhar de modo diferente o mundo se deixamos a linguagem nos contar um pouco de seu passado.

Nesse sentido, a etimologia é mais que a busca da origem das palavras, mas uma narrativa maior. Não é só a história das palavras, mas parte da história da humanidade. Investigar a evolução de um vocábulo tal-

vez seja um caminho mais rico m possibilidades do que pretender resgatar origens. A idéia de que podemos desvendar uma origem é ela um mito, e ancestral. A curiosidade que o passado de uma palavra desperta é, no fundo, correlata da tentativa de saber o que somos e de onde viemos – resposta que nunca teremos à pergunta que sempre faremos.

O estudo da história das palavras virou um campo com história própria. (PEREIRA JUNIOR,, 2006: 4)

Pouco adiante, justificando a edição de um número especial da revista *Língua Portuguesa* sobre a etimologia, ainda acrescenta:

O resgate da etimologia para a vida cotidiana é talvez o caminho mais fértil para uma tomada de consciência sobre a língua. Se soubermos o que repetimos do passado ao nos expressar, talvez percebamos que o mundo nem sempre foi assim e não há motivo para mantê-lo como é. (*Ibidem*).

O primeiro artigo do número especial *Etimologia* da revista *Língua Portuguesa* termina com o seguinte reflexão:

A etimologia não se resume apenas à investigação sobre o surgimento de um vocábulo – é também uma forma de resgate das grandes trajetórias vividas por essa criatura. O resgate daquilo que fomos e somos, e de tudo que desconhecemos sobre o mundo que herdamos.

E não é menos que Bruno Fregni Bassetto quem acrescenta, em seu artigo “A biografia das palavras” o sugestivo subtítulo: “caminho natural dos estudos etimológicos é buscar não apenas as origens, mas a trajetória que torna um vocábulo vivo para a nossa cultura”. (BASSETTO, 2006: 8)

A professora Ivonne Bordelois, da Universidade de Utrecht (Holanda), lembra que

Para Nietzsche, filólogo apaixonado, a etimologia demonstra como as palavras supostamente literais são na realidade antigas figuras poéticas, fósseis prestes a ressuscitar: as verdades não são senão arcaicas metáforas esquecidas.

O projeto etimológico representa uma espécie de inversão do mito da Torre de Babel, que é uma forma do mito do Progresso. Babel, como Prometeu, é o projeto humano de arrancar da potência divina sua capacidade criadora. O progresso, e sobretudo o progresso tecnológico, é uma projeção conveniente desse mito. Assim como no relato bíblico o castigo à soberba dos homens consiste na perda de uma linguagem única, o progresso científico e tecnológico consiste em grande parte, sobretudo na era computacional, na substituição da língua natural por múltiplos códigos, muitas vezes ininteligíveis entre si; Não tratamos de minimizar, portanto, a bem-vinda inclusão na cultura de vastíssimos setores marginais, graças à tecnologia atual: simplesmente consideramos aqui os aspectos ambivalentes de tal progresso. O computador, por exemplo, que repre-

sentar sem dúvida um avanço crucial em nossas possibilidades de organizar nossa atividade intelectual, é também um objeto excessivamente custoso e complexo que destituiu muitos, por motivos econômicos ou de conflito de gerações, do ingresso pelo âmbito da comunicação social. (BORDELOIS, 2006: 15)

Mário Eduardo Viaro (2006) lembra como o primeiro gramático da língua portuguesa, Fernão de Oliveira, tratou com desconfiança as diversas etimologias fantasiosas de sua época, alertando os seus leitores sobre as dificuldades naturais de se chegar com precisão científica a resultados qualificados neste campo do saber.

Aliás, é bom lembrar que é de Viaro (2004) o moderníssimo manual de etimologia do português, em que lembra, com autoridade de mestre:

Dominando a etimologia, teremos uma chave que abre o significado de milhares de palavras em português e outras línguas, inclusive palavras desconhecidas que se fecham numa aparente opacidade. Muitas exceções e aparentes arbitrariedades ortográficas se tornarão meras decorrências da aplicação de algumas regras. Quando assimilarmos isso tudo, veremos com mais facilidade o que se passa por trás das palavras. (VIARO, 2004, 4ª capa).

## CONCLUSÕES

Nem todas as pessoas que realizam trabalho filológico podem ser chamadas de filólogos, visto que isto implicaria numa formação específica, mas todos podem ser classificados na categoria de filologistas, que costumo definir exatamente como esse profissional de nível superior que atua principalmente na edição de textos históricos, científicos ou literários.

Um belo exemplo de filologista bem sucedida é Moira Ve-kony (2006), que se doutorou em Biologia Molecular, depois de se graduar em Microbiologia e Virologia. Ela se dedica, desde 1995, à edição de textos científicos, usando 80% de sua carga de trabalho na edição de artigos em periódicos e 20% em livros didáticos e publicações de sociedades acadêmicas.

Outro exemplo é apresentado por Marlon Jeison Salomon, da UFSC, na resenha que fez de *La maladie de chagas. Histoire d'un fléau continental*, [A doença de chagas. História de um flagelo con-

tinental], de François Delaporte, apontando-o como um respeitável editor de textos histórico-científicos em sua especialidade:

Dez anos após haver publicado *Histoire de la fièvre jaune* [História da febre amarela], François Delaporte retoma seu interesse pela constituição de saberes ligados à medicina na América Latina. Durante os dez anos que separam a publicação deste trabalho com *La maladie de Chagas*, no entanto, Delaporte publicou outros dois livros ligados à história da medicina, além de organizar a edição de textos inéditos que Georges Canguilhem lhe havia confiado, da época em que escrevia sua tese de doutorado em medicina, *O normal e o patológico*. (*Revista brasileira História*, v. 21, n. 41. São Paulo, 2001)

Enfim, talvez seja demasiado abuso tratar novamente de trabalho em que estou empenhado, mas não vou deixar de lembrar, neste mês em que se comemoram os 250 anos de Alexandre Rodrigues Ferreira, a belíssima edição que faz a Kapa Editorial da *VIAGEM AO BRASIL DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA*, organizada por José Paulo Monteiro Soares e Cristina Ferrão, com textos (do e sobre o autor e sua obra), desenhos, fotografias etc., num riquíssimo trabalho em que as notas filológicas se reduzem ao mínimo do mínimo, visto ser destinada a profissionais e estudiosos de áreas que nada têm a ver com as Letras, a Lingüística ou a Filologia.

Esta é uma obra de interesse específico para a História da Ciência e Tecnologia, mas, por isto mesmo, trata de quase todas as áreas e subáreas do conhecimento, como Administração Pública, Agricultura, Antropologia, Arquitetura, Astronomia, Botânica, Direito, Ecologia, Endemiologia, Etnografia, Etnologia, Etimologia, Farmácia, Farmacopéia, Filosofia, Geodésia, Geografia, Geologia, Hidrografia, Medicina, Mineralogia, Museologia, Náutica, Política, Religião, Retórica, Zoologia etc.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZAI, Leny Caselli. *Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso: o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Tese de Doutorado em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: Princípios da técnica de editoração*. Prefácio de Antônio Houaiss. [Rio de Janeiro]: Nova Fronteira; [Brasília]: INL, 1986.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Apresentação de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Presença; [São Paulo]: Edusp, 1987.

BASSETTO, Bruno Fregni. A biografia das palavras. **In:** *Língua portuguesa*. Ano I – Especial: etimologia. São Paulo, janeiro de 2006, p. 8-9.

———. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. v. 1. São Paulo: Edusp, 2001.

BORDELOIS, Ivonne. Rsgatar a sabedoria comunitária da palavra é superar a confusão causada por múltiplos códigos contemporâneos. **In:** *Língua portuguesa*. Ano I – Especial: etimologia. São Paulo, janeiro de 2006, p. 15-16.

CARDIM, Fernão. “Do clima e gente do Brasil. **In:** *Revista Mensal da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil*. Rio de Janeiro, 1881, t. 1, 20-21, 45-58 e 153-154.

———. *Do princípio e origem dos índios*. Rio de Janeiro: Tip. da Gazeta de Notícias, 1881.

CHIARI, Alberto. La edizione critica. **In:** *Tecnica e teoria letteraria*. Milão, 1948, p. 105-159.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa (ed.). *Língua portuguesa*. Ano I – Especial: etimologia. São Paulo, janeiro de 2006.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: Introdução metodológica*. 2ª ed. rev., aum. e il. 2º vol. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, [1957].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 9ª ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira: Isaac Nicolau Salum. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [s/d.].

SOUSA, Pero Lopes de. *diário da navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa, escrito por seu irmão Pero Lopes de Sousa*. Lisboa: Francisco Adolfo de Varnhagen, 1839.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História Geral do Brasil*. 3ª ed. Edição crítica de Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. São Paulo: Melhoramentos, [s/d.].

VEKONY, Moira. “A edição de textos científicos – Uma sábia escolha profissional”. **In:** *Universia Science*. Disponível em no dia 15/04/2006 em

[http://www.universia.com.br/nextwave/ver\\_materia.jsp?materia=155&subcanal=3](http://www.universia.com.br/nextwave/ver_materia.jsp?materia=155&subcanal=3))

VIARO, Mário Eduardo. Como confiar numa origem. **In:** *Língua portuguesa*. Ano I – Especial: etimologia. São Paulo, janeiro de 2006, p. 62-63.

———. *Por trás das palavras* – Manual de etimologia do português. [São Paulo]: Globo, 2004.